

BOLETIM DO ICCRS PARA LÍDERES

Formação para líderes atuais e líderes novos da RCC

■ VOLUME XXII, NÚMERO 4

■ JULHO - SETEMBRO 2016

Guiados pelo Espírito:

Desapontamentos nas Lideranças

■ Michelle Moran



Muitos dos filmes mais populares são histórias de heróis, super-homens ou mulheres que triunfam sobre as dificuldades e desafios. Eventualmente, tudo vai bem e há um final feliz. Seria maravilhoso se isso acontecesse em nossas vidas também, mas infelizmente as coisas são um pouco mais complexas. Para aqueles de nós que são líderes experientes, sabemos que em meio a bênçãos há muitas vezes problemas, desacordos, divisões e decepções. É impossível evitar totalmente a decepção, no entanto, quero sugerir algumas maneiras pelas quais podemos evitar ou superar o desânimo e o aparente fracasso.

Invista no Futuro

Estive recentemente conversando com uma jovem líder que me dizia que sentia não ser uma boa líder e que, por isso, queria algumas ideias sobre como poderia melhorar. Comecei perguntando-a porque ela pensava não ser uma boa líder. Ela disse que quando se comparava com a principal líder do grupo ela se sentia inadequada e ineficaz. Também disse que a sua líder era totalmente comprometida com o Senhor, uma pessoa de muita oração e integridade que trabalhava tanto que às vezes não tinha tempo nem para si mesma. Ela descreveu a líder como uma pessoa que corajosamente corria riscos e que estava disposta a assumir projetos que eram grandes e exigentes e que, no final, sempre conseguia obter resultados encorajando as pessoas a trabalhar juntos. Quando eu lhe perguntei há quanto tempo essa líder estava na liderança, me respondeu “20 anos”.

Certamente, essa líder era uma mulher de bom caráter espiritual e temperamento. Conseguia reunir a equipe e obter os resultados desejados. No entanto, parecia que muitas coisas dependiam dela. A menos que nós, como líderes, invistamos

no futuro, muitas boas obras do Espírito eventualmente minguam e morrem, deixando as pessoas desiludidas e decepcionadas. Obviamente, a experiente líder era um modelo de liderança, mas seu estilo de liderança talvez falhasse na área de identificar, investir e capacitar a próxima geração de líderes. A experiente líder tinha um ‘Timóteo’ ao seu lado que estava ansiosa por aprender, mas cujo potencial não

estava sendo reconhecido. A jovem líder não estava sendo orientada e acompanhada.

Planejamento da Sucessão

Grupos e comunidades florescem com uma boa liderança. No entanto, os líderes que são sábios não estão focados apenas no presente; eles também olham e planejam o futuro. Tempos de mudança e transição na liderança trazem um sentimento natural de insegurança. A sucessão na liderança deve ser planejada. Pode ser bastante decepcionante para os líderes veem muitas das coisas pelas quais eles trabalharam duro não florescerem quando novas lideranças assumem. Deve haver uma continuidade saudável na liderança e isso acontece quando os principais líderes prestam atenção e investem na próxima geração.

Seja você mesmo – lidere como a pessoa que você é

Meu conselho para aquela jovem líder foi afirmar-se como a pessoa única que Deus a criou para ser, como diz o Salmo 138, somos ‘maravilhosamente feitos’. Ela claramente admirava a sua líder e queria muito ser como ela. No entanto, alguns líderes cometem o erro de tentar conduzir-se como outras pessoas, especialmente como os líderes que eles admiram e respeitam. Isto inevitavelmente leva à decepção e fracasso, porque apenas podemos liderar como as pessoas que nós somos e isto é, na verdade, um dom exclusivo nosso.

Obviamente, podemos aprender com outras pessoas, mas temos que estar preparados para crescer com os nossos próprios dons de liderança e não nos comparando aos outros. Minha regra de ouro para os líderes é “crescer no conhecimento de si mesmo (a) e liderar como a pessoa que se é”. Também é importante reconhecer que as outras pessoas não são sempre como nós: elas têm personalidades diferentes, habilidades diferentes, dons diferentes. Podemos ter expectativas irrealistas ou falsas dos outros e isso muitas vezes pode levar à frustração e ao desapontamento.

Confie no Senhor

A liderança vem de nossa resposta ao chamado de Deus. Na verdade é esse chamado de Deus que faz com que um líder persevere, mesmo em dificuldades. Os líderes famosos nas Escrituras, como Moisés, Jeremias, Jonas, Pedro e Paulo, todos tinham seus próprios dons de liderança particulares ao lado de seus defeitos de personalidade. Todos eles também careciam de certas habilidades. No entanto, eles estavam dispostos a confiar no Senhor, sabendo que Deus, que os havia chamado, não falharia com eles. Ao invés de temer

NESTA EDIÇÃO

Guiados pelo Espírito:

Desapontamentos nas Lideranças

Michelle Moran

Liderança e o Chamado ao Martírio

Marcos Volcan

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS

O que significa “Cristo desceu para o Inferno”?



A liderança vem de nossa resposta ao chamado de Deus... que faz com que um líder persevere, mesmo em dificuldades.



suas próprias fraquezas e imperfeições, eles, com fé, acreditavam na capacidade de Deus de obter sucesso. Muitos líderes agem como se tudo dependesse deles. A liderança torna-se então algo humano e quando surgem dificuldades e desafios, a tentação é de desistir. Aqueles que esperam no Senhor renovam suas forças (Isa 40,28-31).

Confie nos outros

Uma das maiores armadilhas na liderança é quando o líder pensa que ele tem que fazer tudo. Isto pode vir de uma insegurança ou de um sentimento distorcido do que significa ser trabalhador e diligente e acaba levando os líderes ao cansaço e à ineficiência. Os líderes podem desanimar ou falhar simplesmente porque tentaram “fazer demais”. Jetro teve que ajudar Moisés a aprender sobre a importante habilidade da delegação. Ele disse: “Não está certo o que fazes. Tu te esgotarás seguramente, assim como todo esse povo que está contigo, porque o fardo é pesado demais para ti e não poderás levá-lo sozinho”. (Êxodo 18,17). Observe como a fraqueza ou a miopia do líder impacta todo o grupo. Felizmente, Moisés levou em consideração os conselhos do seu sogro e, como resultado, toda a comunidade foi capacitada, havendo um senso de liderança corporativa (Êxodo 18,25-6).

Vários líderes bíblicos já aprenderam que não é necessário para um líder possuir todos os dons de liderança. A liderança pode se manifestar de forma maravilhosa e dinâmica, com sinergia, quando os líderes trabalham em conjunto, complementando suas ações. Moisés e Arão formaram uma equipe perfeita, assim como Paulo e Barnabé. Eles viveram juntos em Antioquia por um ano (Atos 11,26) e foram separados pelo Espírito para a missão (Atos 13,4). Eles experimentaram perseguição (Atos 15,50) e ganharam o respeito de todos. Infelizmente, apesar de todo seu zelo missionário, resistência e fecundidade no ministério, depois ‘uma violenta briga eles se separaram’ (Atos 15,39). Um desentendimento aparentemente trivial levou à separação de um dos mais dinâmicos pares missionários que a Igreja já havia visto.

Vigie

Aqui encontramos uma das áreas mais dolorosas de liderança: o rompimento de relações e a divisão. Isto não afeta apenas as pessoas diretamente envolvidas, mas toda a comunidade também. Lutas, conflitos não resolvidos e tensão drenam um grupo e tiram a sua vitalidade espiritual. Infelizmente, algumas pessoas acabam deixando seus grupos ou ministérios porque se desiludiram muito e se decepcionaram com o comportamento dos seus líderes ou com a incapacidade deles de resolver ou gerenciar conflitos.

João 10,10 diz: “O ladrão não vem senão para furtar, matar e destruir”. Certamente o inimigo pretende atacar estrategicamente líderes. Há um provérbio que diz: ‘se um lobo ataca o rebanho, ele recebe uma ovelha. Se ele ataca o pastor, ele recebe o rebanho inteiro’.

Paulo disse em sua exortação final aos líderes de Éfeso: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos colocou como guardas”. Os líderes, portanto, precisam estar alertas e atentos, engajando-se na guerra espiritual por si mesmos e por seu povo. Eles precisam ter a visão e a coragem para tentar resolver o conflito quando ele surge. Obviamente nem toda discordância é uma crise; precisa-se de sabedoria para discernir quando uma tensão não saudável está se desenvolvendo dentro do grupo, pois se a mesma não for tratada, ela eventualmente entrará em erupção como um vulcão e todo mundo sairá ferido.


Provações levam ao triunfo (Rom 8,37)

Infelizmente, devido ao nosso caráter humano e pecador, conflitos e divisões são inevitáveis. Durante estes tempos difíceis, o líder, em sua decepção natural, tem que obter a graça da liderança a fim de conduzir o rebanho inteiro durante a fase difícil e isto não é fácil. Só pela graça de Deus nos é dada a capacidade de permanecer firmes mesmo sob pressão.

Paradoxalmente, muitas vezes aprendemos as lições mais profundas em momentos de aparente fracasso ou derrota. Jacó lutou com Deus (Gen. 32,26). O Senhor precisava mostrar a Jacó que a verdadeira força vem através da confiança e da rendição. Cada líder experiente passa por seu próprio tempo de jugamento e decepção.

É importante lembrar que “somos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós” (II Cor. 4, 7-8). Nós não sabemos os detalhes do espinho de Paulo ‘na carne’ (2 Coríntios 12,7), mas sabemos que foi algo enviado pelo Senhor para impedi-lo de ficar muito orgulhoso.

O Senhor quer romper com a nossa auto suficiência e nos ensinar a confiar nele. “Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força” (II Cor. 12,9). Paulo nos mostrou que através de suas próprias dificuldades ele entrou em contato com sua fraqueza pessoal e então, pela graça de Deus, sua fraqueza se tornou sua força; “Porque quando me sinto fraco, então é que sou forte” (II Cor. 12,10). Espero que esta palavra console a todos nós em nossos desafios de liderança. Ela nos incentivarà a suportar e a seguir em frente apesar das dificuldades.

Graças a Deus, à medida que aprendemos a conduzir no poder do Espírito Santo reconhecemos que nada depende de nós. Precisamos abraçar a nossa vocação de liderança e nos focarmos em fazer tudo o que for possível e então entregar ao Senhor e confiar nele. Paulo certamente aprendeu essa lição quando ele compartilhou esta bela oração com o povo de Éfeso; “Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos” (Ef 03,20). 

ICCRS

**International Catholic
Charismatic Renewal Services**

Endereço Postal: Palazzo San Calisto, 00120 Cidade do Vaticano – Europa
 Telefone: +39 06 69 88 71 26/27
 Fax: +39 06 69 88 72 24
 Site: www.iccrs.org
 e-mail: newsletter@iccrs.org

Entre em contato com o Escritório do ICCRS para obter permissão para reimpressão.

O *Informativo do ICCRS* é grátis para recebimento por e-mail e custa 10€ para recebimento pelo correio. Além disso, o *Boletim do ICCRS para Líderes* está disponível para assinatura, por 15€ ao ano, por e-mail.

O *Boletim do ICCRS para Líderes* é uma publicação internacional publicada juntamente com o *Informativo do ICCRS*. Seu objetivo é proporcionar formação sobre temas importantes da RCC.

Liderança e o chamado ao martírio

■ Marcos Volcan



O Papa Francisco, durante sua homilia de 7 de abril de 2016, disse sobre os mártires dos dias modernos: “Estes são o sangue vivo da Igreja; estes são aqueles que levam a Igreja adiante, as testemunhas; aqueles que atestam que Jesus ressuscitou, que Jesus está vivo e o testemunham com a coerência de vida e com o Espírito Santo que receberam como dom. Uma testemunha é aquela que é coerente com o que diz, com o que faz e com o que recebeu, ou seja, o Espírito Santo”.

Ser Cristão significa ser coerente com o que se diz, com o que se faz, e com o que se recebe, mesmo que testemunhar o Evangelho signifique correr o risco de perder a própria vida. Hoje ainda vemos muitas pessoas que vivem a sua fé em Jesus em ambientes hostis, o Papa disse, mas é o seu testemunho que leva a Igreja adiante: “É o testemunho de nossos mártires de hoje – tantos! Muitos, expulsos de suas terras, deslocados, decapitados e perseguidos, que têm a coragem de confessar Jesus até o momento da morte. [...] É o testemunho daqueles cristãos que vivem sua vida seriamente e dizem: ‘Eu não posso fazer isso, eu não posso fazer o mal ao outro; eu não posso trapacear; eu não posso conduzir uma vida pela metade, eu devo dar o meu testemunho’.

Com estas palavras o Papa Francisco nos indica o caminho que um verdadeiro líder na igreja deve seguir: coerência com sua fé e coragem para testemunhá-la com ousadia, sem medo daqueles que podem tirar nossas vidas mas que não podem nos separar do amor de Deus.

“...mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo” (Atos 1,8). É através do Espírito Santo que recebemos a força para testemunhar a nossa fé. É o Espírito Santo — o amor de Deus — que foi derramado em nossos corações (Rom 5,5) para “que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus. Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos (cf. Efésios 3, 16b-20).

O testemunho dos mártires de todos os tempos é aquele de pessoas conduzidas pelo amor, por seu amor a Deus e aos homens e que não se deixaram confundir pela opinião da maioria.

São João Paulo II, em sua homilia por ocasião da canonização de Edith Stein, em 11 de outubro de 1998, disse: “A experiência desta mulher, que enfrentou os desafios de um século atormentado como o nosso, é para nós exemplar: o mundo moderno ostenta a porta atraente da permissividade, ignorando a porta estreita do discernimento e da renúncia. Dirijo-me especialmente a vós, jovens cristãos: evitai conceber a vossa vida como uma porta aberta a todas as opções! Escutai a voz do vosso coração! Não permaneçais na superfície, mas ide até ao fundo das coisas! E quando chegar o momento, tende a coragem de vos decidirdes! O Senhor espera que coloquemos a vossa liberdade nas suas mãos misericordiosas”.

Estas palavras devem nortear a vida de todo cristão e especialmente a dos líderes que devem constantemente repetir para si mesmos: Preste atenção! Sua vida não é uma série interminável de portas abertas! Escute seu coração! Não fique na superfície, mas vá ao fundo das coisas!

Em sua homilia quando da canonização de Maximiliano Kolbe, São João Paulo II disse que sua morte “foi o testemunho clara suportado em Cristo: o testemunho suportado em Cristo para a dignidade do homem, para a santidade de sua vida e para o poder Salvador da morte na qual o poder do amor se manifestou. É por isso que sua morte tornou-se sinal de vitória. Vitória sobre todo o sistema de desprezo e ódio do homem e daquilo que no homem há de divino, vitória semelhante àquela que levou Nosso Senhor Jesus Cristo ao Calvário”.

No mundo de hoje, quando tantos são privados da dignidade e da santidade de suas vidas – tome por exemplo a situação dos refugiados e imigrantes – nós, como Cristãos, somos chamados a apoiar essas pessoas, sacrificando até mesmo a aprovação da sociedade ao nosso redor; temos que ter a coragem e a ousadia de enfrentar o “desprezo sistemático e o ódio para com o homem”, como João Paulo II coloca.

Nós, todos os fiéis Cristãos e especialmente os líderes, somos chamados “à plenitude da vida Cristã e à perfeição da caridade” (LG, 40). Na Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, João Paulo II nos chama para uma “pedagogia da santidade”. E se olharmos para a vida dos mártires de todos os tempos, veremos que o martírio foi o ápice de uma vida vivida em santidade e em formação para a perfeição no amor.

Na mesma Carta Apostólica, ele também disse, “Os caminhos da santidade são variados e apropriados à vocação de cada um. Agradeço ao Senhor por me ter concedido, nestes anos, beatificar e canonizar muitos cristãos, entre os quais numerosos leigos que se santificaram nas condições ordinárias da vida. É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta « medida alta » da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direção. Mas é claro também que os percursos da santidade são pessoais e exigem uma verdadeira e própria pedagogia da santidade, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos” (no. 31).

Estas palavras, dadas a nós por um Santo e por um mártir em sua própria maneira, nos apontam para a direção a seguir em nossa resposta às circunstâncias de nossas vidas e aos desafios do mundo de hoje com a responsabilidade e o compromisso de verdadeiros Cristãos, pessoas cheias de Espírito Santo, que nunca têm medo de sacrificar suas vidas em resposta ao amor de Deus revelado a nós por Jesus Cristo. Enraizados e edificados nele, inabaláveis na fé em que fomos instruídos (cf. Co. 2,7), nós também podemos testemunhar ao mundo que o martírio não é uma derrota, mas uma vitória, a vitória do amor!

Comecei citando o Papa Francisco e gostaria de terminar repetindo o que ele disse, “Ser Cristão significa ser coerente com o que se diz, com o que se faz, e com o que se recebe”, mesmo se testemunhar o Evangelho signifique correr o risco de perder a própria vida”.

“A linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina”. (1 Co 01,18). 📖



PERGUNTAS À COMISSÃO DOCTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para newsletter@iccrs.org

O que significa “Cristo desceu para o Inferno”?

Quando o Credo dos Apóstolos afirma que Cristo “desceu ao inferno”, não é explicado o por que, nem de que maneira. No entanto, como parte do Mistério Pascal, situado entre a Cruz e a Ressurreição, a descida ao inferno deve ter um significado para a nossa salvação. Explicaremos as três maneiras principais em que sua descida ao inferno é uma parte central da ação salvífica de Cristo e, então, adicionaremos um comentário final.

No entanto, antes disso, temos que compreender que em Inglês só há uma palavra para “inferno”. A Bíblia tem pelo menos duas palavras: Hades (Sheol em Hebraico) e Gehenna.

Sheol é o “lugar” dos mortos, que são como sombras retiradas dos vivos e de Deus (Salmo 6,6; 87,11-13), mas que podem, em alguns casos, aguardar a vinda do Salvador. Sheol foi pensado como sendo regiões “inferiores”, “debaixo da terra”.

Gehenna, por outro lado, é um “lugar” de fogo e sofrimento para os condenados — aqueles que recusaram a salvação de Cristo de forma definitiva (cf. Mat 13,40, 50; 8,18-19) — e para o diabo e os demônios (ver Mat 25, 41). A Igreja ensina que, do “inferno”, neste segundo sentido, não há volta, porque aqueles que estão lá fizeram uma escolha definitiva contra Deus (ver CIC 1035).

O primeiro significado da descida de Cristo ao inferno é que ele realmente morreu e, ao fazê-lo, venceu a morte. As Escrituras dizem pouco sobre a descida ao inferno, mas, quando falam, se referem ao Sheol, o lugar da morte: “O Filho do Homem ficará três dias e três noites no seio da terra” (Mt 12,40); Cristo “desceu para as regiões inferiores da terra” (Ef 4,9). Atos 02,27 coloca nos lábios de Cristo, as palavras do Salmo 16, dirigidas a Deus: “Pois não deixarás a minha alma na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção,” implicando que ele estará no Sheol. É por isso que o Novo Testamento afirma frequentemente que Cristo “ressuscitou dos mortos” (Atos 3:5; 13,34; Rom 08,11; 10,7-9; 1 Coríntios 15,20; Heb 13,20).

A descida ao inferno significa que Cristo morreu e verdadeiramente compartilhou a experiência humana da morte. Da mesma forma como ele tomou o nosso pecado sobre si mesmo na Cruz, e da mesma forma como ele nos libertou do pecado entrando na região dos mortos e sendo ressuscitado pelo Pai, ele vence a morte, “o último inimigo a ser destruído” (1 Coríntios 15,26; CIC 636). As portas do reino da morte se abriram e a morte já não tem a última palavra. É claro que, sem a Ressurreição, a descida de Cristo ao inferno não teria sentido, mas como parte do Mistério Pascal como um todo, é a fonte de toda vitória sobre a morte e sobre as pequenas “mortes” e “infernos” de nossas

vidas diárias, sobre “o medo da morte” que, caso contrário, nos manteria “sujeitos a uma verdadeira escravidão” (Heb 02,15).

O segundo significado da descida de Cristo ao inferno é a vitória sobre o diabo. Não é dito que Cristo desceu para a Gehenna. Ele se deixou ser derrubado pelo poder da morte e compartilhou a condição dos mortos, mas é inconcebível que ele tenha se colocado sob o poder do diabo e que tenha compartilhado o destino daqueles que recusam a Deus, sejam os demônios ou os condenados (CIC 633; 636). No entanto, assim como o diabo “tem o poder da morte” (Heb 02,14), vencer a morte significa derrotá-la. Neste sentido, a descida ao reino da morte é a melhor maneira para Cristo “entrar na casa do homem forte”, a casa do mal e “amarrar o homem forte” (cf. Mat 12,29; LC 11,21-22. Ver, de Bento XVI, Jesus de Nazaré, I, p. 20). Mais uma vez, como parte do Mistério Pascal como um todo, a descida de Jesus é a fonte de todos os limites estabelecidos ao poder do diabo e de todas as vitórias sobre os maus espíritos.

Nestes dois primeiros sentidos, a vitória de Jesus sobre a morte e o diabo diz respeito a toda a raça humana em todos os tempos e lugares. Um terceiro significado da descida de Cristo ao inferno, no entanto, é que traz salvação de forma mais específica para os justos que viveram e morreram antes dele. No início, os padres da Igreja se perguntavam como a salvação poderia alcançar aqueles que precederam a vinda do Salvador. A descida ao inferno trouxe a resposta, porque Cristo pode então tocar naqueles que estavam no Sheol aguardando por sua vinda, na fé: “Pois para isso foi o Evangelho pregado também aos mortos” (1 Pedro 4,6; CIC 633-634; 637). Alguns ícones belamente retratam Cristo, depois de ter rompido as portas do inferno, agarrando Adam pelo pulso para puxá-lo para fora do poço da morte.

Podemos adicionar também um quarto significado que contribui para a nossa vida espiritual. Embora a crucificação e as aparições do Ressuscitado sejam momentos visíveis do Mistério Pascal, a descida ao inferno acontece fora do âmbito da percepção humana. Isto é ecoado na Igreja Latina por um dia de “silêncio”: nenhuma celebração litúrgica diz a respeito deste momento da ação salvífica de Cristo ou é especificamente dedicada à mesma. Assim, somos lembrados de que uma grande parte da obra de Cristo em nós acontece em um nível muito profundo para percebermos: nos períodos em que não sentimos nada, é bom lembrar que ele pode estar agindo mais do que nunca nos recessos mais íntimos do nosso ser para destruir o mal pela raiz e nos libertar. 🕯